A GAROTA PERFEITA

ROMANCE *BEST-SELLER* DO *NEW YORK TIMES* E DA AMAZON

MARY KUBICA

Planeta

A GAROTA PERFEITA

MARY KUBICA

Tradução
FAL AZEVEDO

Planeta

Para A&A

EVE

ANTES

Estou sentada no balcão da cozinha, bebendo

chocolate quente, quando o telefone toca. Absorta em pensamentos, observo, pela janela dos fundos, o gramado que, agora, em pleno começo de outono, está repleto de folhas. A maioria delas está morta, mas algumas ainda se apegam, quase sem vida, aos galhos das árvores. É

fim de tarde. O céu está nublado, a temperatura despencando para dez ou, ainda, quatro graus. *Não estou pronta para isto*, penso, *parece que ontem dávamos as boas-vindas à primavera e, instantes depois, ao verão.*

Ruído do telefone me assusta. Tenho quase

certeza de que é algum operador de telemarketing, então não me preocupo em deixar meu lugar para atender ao apelo estridente. Aproveito as últimas e poucas horas de silêncio que tenho, antes de James passar trovejando pela porta da frente, invadindo meu

mundo. A última coisa que desejo é desperdiçar meus derradeiros minutos preciosos de sossego falando com algum vendedor, que tentará me empurrar algo que, com certeza, vou recusar.

Barulho irritante para e, depois, recomeça. Atendo só para que deixe

de tocar.

– Alô? – Pergunto irritada, agora em pé no meio da cozinha.

– Senhora Dennett? – Questiona uma voz de mulher. Penso por um momento em dizer a ela que foi engano, ou interromper a venda com um simples “não estou

interessada”.

– Sou eu.

– Senhora Dennett, quem fala é Ayanna Jackson.

Já ouvi esse nome. Nunca a conheci pessoalmente, mas ela tinha sido uma constante na vida de Mia durante o último ano. Quantas vezes

a ouvi dizer o nome dela: “Ayanna e eu fizemos isso... Ayanna e eu fizemos aquilo...”. Ao telefone, ela me explica como conheceu Mia; as duas trabalham juntas como professoras no colégio alternativo, na cidade.

– Espero não estar interrompendo nada – diz

ela.

Prendo o fôlego.

– Ah, não, Ayanna, acabei de chegar – minto.

Mia fará 25 anos em apenas um mês, no dia 31 de outubro. Ela nasceu em um Halloween, e presumo que Ayanna esteja telefonando para falar sobre isso. Ela deve estar

planejando uma festa surpresa para minha filha.

– Senhora Dennett, Mia não veio trabalhar hoje – explica Ayanna.

Não é isso que espero ouvir. Leva alguns instantes para que eu coloque meus pensamentos no lugar.

– Bem, ela deve estar

doente – digo. Meu primeiro pensamento é proteger minha filha. Ela deve ter uma explicação plausível para ter faltado ao trabalho e não comunicar o motivo de sua ausência. Minha filha é um espírito livre, com certeza, mas também é responsável.

– A senhora não teve notícias dela?

– Não – respondo, mas isso não é incomum. Ficamos dias, às vezes semanas sem nos falarmos. Desde a invenção do e-mail, nossa melhor forma de comunicação passou a ser esse tipo de mensagem trivial.

– Tentei telefonar para a casa dela, mas ninguém atendeu.

– Você deixou uma mensagem?

– Várias.

– E ela não respondeu?

– Não.

Ouço, sem muito interesse, a mulher do

outro lado da linha. Observo pela janela as crianças dos vizinhos chacoalharem uma árvore frágil para que as folhas remanescentes caiam sobre elas. As crianças são o meu relógio, quando aparecem no quintal, sei que a tarde chegou ao fim, que acabaram as aulas.

Quando desaparecem dentro de casa de novo, o relógio me avisa que é hora de começar o jantar.

– Tentou telefonar para o celular dela?

– Cai direto na caixa postal.

– Você tentou...

– Deixei uma mensagem.

– Tem certeza de que ela não telefonou para avisar nada?

– A administração não tem notícia nenhuma dela.

Fico preocupada com a possibilidade de Mia ter problemas. De ser demitida. A possibilidade dela estar em apuros passa pela minha mente.

– Espero que isso não tenha causado algum problema sério para ela aí no trabalho.

Ayanna explica que os alunos do primeiro período de Mia não informaram a ausência dela a ninguém, até que, no segundo período, a notícia de que a senhorita

Dennett não tinha aparecido se espalhou, mas não havia nenhum professor substituto. O diretor foi até a sala para manter a ordem, até que fosse providenciado outro professor. Ao chegar lá, encontrou as paredes rabiscadas com o material de arte caro que Mia fez

questão de comprar, depois que a administração da escola vetou sua solicitação.

– Senhora Dennett, não acha isso estranho? – Ela pergunta. – Não é um comportamento típico de Mia.

– Ah, Ayanna, estou certa de que ela deva ter

uma boa explicação.

– Por exemplo? – Questiona ela.

– Vou telefonar para os hospitais. Há alguns na vizinhança dela...

– Já fiz isso.

– Então vou telefonar para alguns amigos – Falo, mas não conheço nenhum dos amigos de

Mia. Ouvi alguns nomes de passagem, como Ayanna e Lauren, e sei que há um rapaz, com visto de estudante, vindo do Zimbábue e que está prestes a voltar para sua terra, algo que Mia considera uma completa injustiça. Mas não os *conheço*, e sobrenomes e

números de telefone são difíceis de encontrar.

– Já fiz isso.

– Ela vai aparecer, Ayanna. É apenas um mal-entendido. Pode haver um milhão de motivos para o que está acontecendo.

– Senhora Dennett – diz Ayanna, e é quando o pensamento de que algo

está errado me ocorre. Sinto uma pontada no estômago, e a primeira lembrança que tenho é uma imagem minha grávida de sete ou oito meses de Mia, seus membros robustos chutando e batendo com tanta força, que seus minúsculos pés e mãos

emergem sob minha pele.

Puxo uma banqueta, sento-me junto ao balcão da cozinha e penso que, antes que eu perceba, Mia fará 25 anos e sequer pensei em um presente. Não me ofereci para fazer uma festa, nem sugeri que nós, James, Grace, Mia e eu, fizéssemos reservas

para jantar em um restaurante elegante na cidade.

– O que você sugere que façamos então? – Pergunto.

Ouço um suspiro do outro lado da linha.

– Tinha esperanças de que a senhora me dissesse que Mia estava aí –

responde ela.